

[231]

Macron, Merkel e Trump

José Eli da Veiga

Valor, Quinta 29 de Junho de 2017

As últimas seis semanas ilustraram tão bem a desgovernança mundial da sustentabilidade que parecem incomparáveis a qualquer outro período. Para explicar os porquês, os acontecimentos podem ser organizados em três atos.

O primeiro teve início em Paris, na quarta 17 de maio, com a formação do governo Macron. Um ministério de estado para a transição ecológica, que cuidará não “apenas” no meio ambiente, mas também na energia e nos transportes, passou a ser o terceiro na hierarquia, só abaixo do ministro do interior e do primeiro-ministro. O titular não poderia ter sido melhor escolhido: Nicolas Hulot, figura que se tornou muito popular desde o final dos anos 1980 como apresentador do diferenciado programa de televisão Ushuaïa, hoje um canal a cabo. A partir de 1996 criou uma fundação, tornando-se personalidade ímpar dos movimentos da sociedade civil pela sustentabilidade e colaborando com diversos governos. Na preparação do Acordo de Paris sobre o clima, desde o início de 2013 girou o mundo como enviado especial do presidente Hollande.

Apesar disso, o jovem presidente Macron não convenceu observadores especializados da seriedade de sua opção preferencial pela sustentabilidade, pois não esqueceram de algumas de suas decisões como ministro da economia. O que não impediu que fosse muito elogiado pelos mesmos observadores devido a seu empenho por essa agenda na frenética atividade internacional de seus primeiros dias de governo. Particularmente na cúpula do G7 na linda Taormina, da qual saiu no 27 de maio achando que poderia ter persuadido Trump a dar ouvidos à ala de seu governo que se opõe à beligerância contra o Acordo de Paris, apoiada na Casa Branca pela filha e pelo genro.

Bem mais cool foi a chanceler alemã que, desde a antevéspera, na primeira reunião de Trump com os países da Otan, já teria perdido tais esperanças ou ilusões. Duas semanas depois, em evento domingueiro com fãs reunidos numa cervejaria de Munique, não titubeou: "Os tempos em que nós podíamos contar com os outros acabaram (...), conforme pude constatar nos últimos dias. Então, tudo o que eu posso dizer é que nós, europeus, devemos realmente tomar as rédeas do nosso destino (...) e lutar pelo nosso futuro por conta própria." Foi assim que, no domingo 28, caíram as cortinas do primeiro ato.

O segundo foi inteiramente tomado pelas incisivas reações de Macron ao burlesco discurso de Trump no jardim rosa da Casa Branca na quinta 1º de junho. Poucas horas depois, em inédita atitude para um chefe de estado, dirigiu-se em inglês, principalmente aos americanos, lançando ao final desse pronunciamento o sarcástico slogan que foi imediatamente globalizado: "*make our planet great again*". Uma semana depois o palácio do Eliseu botou no ar um website www.makeourplanetgreatagain.fr para atrair cientistas, técnicos, empreendedores e estudantes que estejam dispostos a realizar seus projetos climáticos na França.

Entre as principais consequências políticas do anúncio de deserção dos EUA do Acordo de Paris, destacam-se a reaproximação entre as principais nações europeias, que antes de Trump se inclinavam a fazer uma espécie de 'jogo duplo', dado o imenso poder de sedução que era exercido por Washington. Também uma renovação da ponte já existente entre a União Europeia e a China. O aspecto mais negativo, contudo, é que vários países poderão se sentir mais livres a descumprir suas próprias metas voluntárias, pois estarão sendo estimulados pela maior potência mundial. Explicar por que essa deserção foi simultaneamente uma bravata retórica e um tremendo "erro" jurídico seria longo demais. O leitor mais interessado fica convidado a consultar entrevista ao *IHU-Online*, também disponível em www.zeeli.pro.br/entrevistas

O terceiro ato se desenrola em dois importantes encontros internacionais subsequentes, nos quais os representantes dos Estados Unidos deram sinais relativamente incoerentes sobre o alcance da vitória da ala do governo Trump

que é radicalmente hostil ao multilateralismo. Entre 5 e 9 de junho houve a conferência da ONU sobre o oceano, que em 25/maio fora tema deste espaço do *Valor*. Na enciclopédica declaração final há meia dúzia de alusões ao fato de o aquecimento global estar entre as principais causas da degradação dos ecossistemas oceânicos, além de uma menção explícita ao Acordo de Paris. Nada disso chegou a ser vetado pelos representantes dos Estados Unidos.

Logo em seguida, porém, em Bolonha, participando de reunião ministerial do G7 consagrada a problemas ambientais nos 11 e 12 de junho, o próprio patrão da EPA (Agência de Proteção Ambiental), Scott Pruitt - o mais irascível aliado de Steve Bannon no séquito isolacionista de Trump - fez absoluta questão de estragar o comunicado final com duas notas de rodapé que condenam, não apenas o Acordo de Paris, mas também as atividades dos bancos multilaterais de desenvolvimento. Isso sugere que, além da já velha dubiedade entre G7 e G8, na prática também passou a existir um G6.

José Eli da Veiga tornou-se professor sênior do IEE/USP (Instituto de Energia e Ambiente da Universidade de São Paulo) após trinta anos de docência no Departamento de Economia da FEA/USP (1983-2012). Mantém dois sites: www.zeeli.pro.br e www.sustentaculos.pro.br